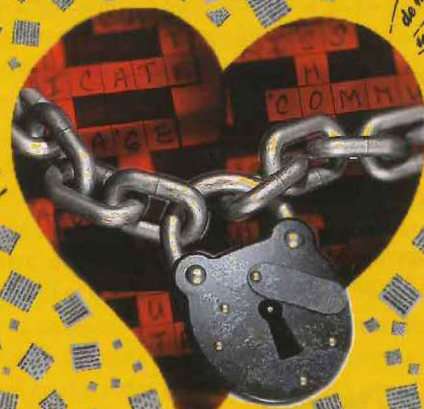


Fall
82
1 29721

Dochera

Edmundo Paz Soldán



de noche todos los caminos se llaman a la mujer de mechas blancas

una definición que remitiera al talismánico nombre

o una cuadra de la soledad, al final de la tarde,

hubo un despertar...

irradiadora y epifánica aparición nocturna

de las letras segunda columna vertical

símbolo químico del oro

iniciales del asesino de Lincoln

do
che
ra



Mercosur lee

BOLIVIA

INV	029721
SIG	Fall 82
LIB.	1

"Dochera" en *Amores imperfectos*

© Edmundo Paz Soldán

© Guillermo Schavelzon & asociados

Agradecemos la gestión de Mónica Herrero

Traducción al portugués: Laura Berchansky

Agradecemos la colaboración de la Embajada de Brasil en Argentina

Imagen de tapa: Georgina Campenni

Diseño de colección: Campaña Nacional de Lectura

Colección: "Mercosur lee"

Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología

Unidad de Programas Especiales

Campaña Nacional de Lectura

Pizzurno 935. (C1020ACA) Ciudad de Buenos Aires. Tel: (011) 4129 1075

campnacionaldelectura@me.gov.ar - www.me.gov.ar/lees

República Argentina, 2005

DOCHERA

EDMUNDO PAZ SOLDÁN

a Piero Ghezzi

Todas as tardes, a filha de Inaco chama-se Io, Aar é o rio de Suíza e Somerset Maugham escreveu A lua e seis pêns. O símbolo químico do ouro é Au, Ravel compôs o Bolero e há pontos e raias que indicam letras. Insípido é insosso, as iniciais do assassino de Lincoln são JWB, as casas de campo dos hierarcas russos são dachas, Puskas é um grande [jogador de futebol] futebolista húngaro, Verónica Lake é uma famosa femme fatale, herói de Calama é Avaroa e a palavra chave de Cidadão Kane é Rosebud. Todas as tardes Benjamín Laredo revê dicionários, enciclopédias e trabalhos antigos para criar as palavras cruzadas que serão publicadas, no dia seguinte, em El Heraldo de Piedras Blancas. É uma rotina que já acontece há vinte e quatro anos: depois do almoço, Laredo coloca um apertado terno preto, camisa de seda branca, gravata de laço vermelho e sapatos de verniz que brilham como as poças d'água nas ruas depois de uma noite de chuva. Ele se perfuma, faz a barba, se penteia com fixador de cabelo e depois se tranca em seu gabinete com uma garrafa de vinho tinto e o concerto de violino de Mendelssohn tocando no aparelho de som, com uma caixa de lápis Staedtler de ponta fina, para cruzar palavras em linhas horizontais e verticais, junto com fotos em branco e preto de políticos, artistas e edifícios célebres. Uma frase soa ao longo e ao largo do quarto, a de Oscar Wilde que é a mais usada: Posso resistir a tudo menos às tentações. Uma de Borges é a favorita do momento: Cometi o pior dos pecados: não fui feliz. Ilustre beleza do que vai se criando ante nossos olhos nunca cansados de se surpreender! Maravilha a novidade na repetição! Fico pasmo ante o ato sempre igual e sempre novo!

Sentado na cadeira de noqueira que lhe causa uma dor crônica nas costas, triturando a madeira com estilhaços do lápis, Laredo se enfrenta com o retângulo de papel bond com urgência, como se estivesse oculta, na sua ampla clareza, a mensagem cifrada do seu destino. Existem momentos em que as palavras não querem juntar-se, em que um dado orográfico não quer combinar com o sinônimo de impretérito. Laredo apressa seu vinho e olha para as paredes. Os que podem ajudá-lo estão aí, em fotos de papel sépia que parecem se gastar de tanto serem observadas, um marco de prata brunida ao lado de outro, enchendo os quatro lados e apenas deixando espaço para mais um marco: Wilhelm Kundt, o alemão do nariz quebrado (a pessoa que elabora palavras cruzadas é muito apaixonada), o fugitivo nazista que, em menos de dois anos em Piedras Blancas inventou um passado de célebre inventor de palavras cruzadas, em função de seu farto domínio do castelhano —diziam que era tão esquelético porque apenas devorava páginas de dicionários de etimologias no café da manhã, almoçava sinônimos e antônimos, jantava galicismos e neologismos—; Federico Carrasco, admiravelmente parecido com Fred Astaire, que chegou à loucura ao acreditar ser Joyce e tentar transformar suas palavras cruzadas em versões reduzidas de Finnegans Wake; Luísa Laredo, sua mãe alcoólatra, que precisou usar o pseudônimo de Benjamín Laredo para que suas palavras

cruzadas cheias de desprezada flora e fauna e esquecidas artistas pudessem ganhar aceitação e prestígio em Piedras Blancas; sua mãe, que o havia criado sozinha (o pai de dezesseis anos, quando ficou sabendo da gravidez, fugiu de trem e ninguém soube mais dele), e que, ao perceber que aos cinco anos ele já sabia que cabo era asa e tasca era bar, o havia proibido de fazer suas palavras cruzadas por medo de que seguisse seu caminho. Ser pobre cansa. Você será engenheiro. Porém, ela o abandonou quando ele fez dez anos, quando ela não pode agüentar um cruel delirium tremens em que as palavras se tornavam vivas e a perseguiam como mastim atrás de sua presa.

Todos os días Laredo olha as palavras cruzadas em estado de crisálida, e depois olha as fotos nas paredes. A quem invocaria hoje? Precisava da precisão de Kundt? Pedra trabalhada com a qual se formam os arcos ou abóbadas, seis letras. O dado entre arcano e esotérico de Carrasco? Cinematógrafo de John Ford em O Fugitivo, oito letras. A diligência da sua mãe para dar um lugar àquilo que se deixava de lado? instrutora de Isabel a Católica, autora de uns comentários sobre a obra de Aristóteles, sete letras. Alguém sempre conduz sua mão tsnada de carvão ao dicionário e à enciclopédia corretos (seus prediletos, o de María Moliner, com suas bordas rabiscadas, e a Enciclopédia Britânica desatualizada, mas capaz de informar sobre árvores caducifólias e jogos de baralhos na Alta Idade Média), e depois acontece a alquimia verbal e essas palavras jazendo juntas inconvenientemente –ditador cubano dos anos 50, planta dicotiledônea de América Central, deidade dos índios Mohauks-, e de repente recuperam o sentido e parecem nascidas para estar uma ao lado da outra.

Depois, Laredo anda as sete quadras que separam sua casa do rústico edifício de El Heraldo e entrega as cruzadas para a secretária de redação, num envelope lacrado que não pode ser aberto até minutos antes de ser colocado na página A14. A secretária, uma quarentona que usa blusas floridas e óculos de cristais pretos e enormes como tarântulas adormecidas, cada vez que pode, lhe diz que suas obras são jóias para guardar no porta-jóias das lembranças, e que ela faz um talharim com frango de dar água na boca para chuparse los dedos, e que para ele seria bom uma interrupção em seu admirável trabalho. Laredo sussurra umas desculpas e olha o chão. Desde que sua primeira e única namorada o abandonou, aos dezoito anos de idade, e o trocou por um reconhecido poeta maldito –ou, como ele preferia chamar, um maldito poeta-, Laredo tinha passado a vida olhando no chão quando havia alguma mulher perto dele. Sua natural timidez aumentou e ele se recolheu em uma vida solitária, dedicada a seus estudos de arqueologia (que haviam sido abandonados no terceiro ano) e ao labirinto intelectual das cruzadas. A última década pôde aproveitar de sua fama em algumas ocasiões, mas não o fez porque ele, antes de mais nada, era um homem muito ético.

Antes de abandonar o jornal, Laredo vai até o escritório do editor, que lhe entrega seu cheque entre calorosos tapinhas nas costas. É sua única exigência: cada cruzada deve ser paga no dia da entrega, à exceção do sábado e domingo, que são pagos na segunda-feira. Laredo examina o cheque, se surpreende com o valor, apesar de conhecê-lo de memória. Sua mãe ficaria muito orgulhosa dele, se soubesse que poderia viver de sua arte. A senhora deveria ter confiado mais em mim, mãe. Laredo volta ao lar com passo cansado,

ruminando possíveis definições para o dia seguinte. Pássaro extinto, um dos primeiros reis da Babilônia, país atacado por Pedro Camacho em *A tia Julia* e o escrevedor, isótopo radioativo dum elemento natural, civilização contemporânea de nazca na costa norte do Peru, ária de Verdi, nono mês do ano lunar muçulmano, tumor produzido pela inflamação dos vasos linfáticos, instrumento achatado, rebelde sem causa.

Esse entardecer, Benjamín Laredo voltava para casa mais alegre do que o habitual. Ele achava tudo radiante, inclusive o mendigo sentado na calçada com a cintura óssea deslocada que acaba pela parte inferior do corpo humano (seis letras) e o adolescente que apareceu de improviso numa esquina, esbarrou nele ao passar e tinha uma ridícula proeminência que forma a cartilagem tireóide na parte anterior do pescoço (quatro letras). Acaso seria o vinho italiano que tinha bebido esse dia para celebrar o fim de uma semana especial pela qualidade das suas últimas quatro cruzadas. A da quarta-feira, cujo tema era o filme noir –com a fotografia de Fritz Lang na esquina superior esquerda, e à direita a do autor de *Double Indemnity*–, que tinha ocasionado numerosas cartas de parabéns. Estimado senhor Laredo: escrevo estas linhas para dizer que o admiro muito, e que estou pensando em abandonar meus estudos de engenharia industrial para seguir seus passos. Muito Prezado: Tomara que você continue com as Cruzadas Temáticas. E se fizer uma que tenha como assunto as diversas formas de tortura inventadas pelos Militares Sul-americanos do Século XX? Laredo apalpava as cartas no seu bolso direito e as mencionava sem interrupção como se estivesse lendo em Braille. Já se encontraria à altura de Kundt? Teria adquirido a imortalidade de Carrasco? Conseguiria superar a sua mãe para assim recobrar seu nome? Quase. Faltava pouco. Muito pouco. Deveria existir um prêmio Nobel para artistas como ele: fazer cruzadas não era menos complexo e transcendente que escrever um poema. Com a fineza e a precisão de um soneto, as palavras iam se entrelaçando de cima abaixo e da esquerda à direita, até criar um todo harmonioso e elegante. Não podia se queixar: sua popularidade era tal em Piedras Blancas que o município planejava batizar uma rua com seu nome. Ninguém lia mais os poetas malditos, e menos ainda os malditos poetas, mas quase todos na cidade, desde ilustres idosos até miúdas Lolitas –obsessão de Humbert Humbert, personagem de Nabokov, Sue Lyon na janela gigante–, dedicavam pelo menos uma hora dos seus dias para tentar resolver suas cruzadas. Era melhor o reconhecimento popular numa arte não valorizada que uma diversidade de prêmios numa área apenas levada em conta por uns presumidos estetas, incapazes de reconhecer o ar dos tempos.

Na esquina, a um quarteirão da sua casa, uma mulher com um agasalho preto aguardava um táxi (pele usada para a confecção de agasalhos, cinco letras). As luzes da rua se acenderam, seu esplendor alaranjado substituiu, palidamente, a perdida luz do entardecer. Laredo passou ao lado da mulher; ela virou o rosto e o olhou. Era jovem, de idade indeterminada: poderia ter dezessete ou trinta e cinco anos. Tinha uma mecha de cabelo branco que pendia da testa e cobria o olho direito. Laredo continuou andando. Ele parou. Esse rosto...

Um táxi se aproximava. Desviou-se e disse:

–Desculpe. Minha intenção não é incomodar, mas...

—Mas vai me incomodar.

—Apenas queria saber seu nome. Você me lembra alguém.

—Dochera.

—Dochera?

—Desculpe. Boa noite.

O táxi tinha parado. Ela subiu e não lhe deu tempo para continuar a conversa. Antes de continuar seu caminho, Laredo esperou que o destrambelhado Ford Falcon fosse embora. Esse rosto... A quem lhe lembrava aquele rosto?

Ficou acordado até de madrugada, virando na cama com a luz da sua lâmpada acesa, examinando em sua caprichosa memória, procurando uma imagem que, de alguma maneira, correspondesse com o nariz aquilino, a pele morena e o maxilar saliente, a expressão entre receosa e intimidada. Um rosto visto na infância, numa sala de espera de um hospital, enquanto, segurando a mão do seu avô, aguardava informação sobre sua mãe, precisava saber se ela tinha voltado da inconsciência alcoólica. Na porta do cinema do bairro, à hora do ingresso triunfal das moças de minissaias cintilantes, da mão de seus namorados? Aparecia a imagem dos seios inacreditáveis de Jayne Mansfield, que tinha recortado de um jornal e colado em uma página de seu caderno de matemática, a primeira vez que tinha tentado resolver uma cruzada, um dia depois do enterro da sua mãe. Surgiam loiras e morenas com cheiro de maçã, morenas belas pelo encanto natural ou pelos malabares da maquiagem, secretárias de rostos triviais e com a beleza ou a insatisfação do ordinário, mulheres da realeza e desconhecidas que tinha encontrado pela rua, fazia dias que essa pele não era tocada pela água.

A luz penetrava tímida, entre as cortinas do quarto quando apareceu a mulher madura de mecha branca na cabeça. A dona de O palácio das princesas dormidas, a livraria da vizinhança onde Laredo, na adolescência, comprava os Sete Dias e Life das quais recortava as fotos de celebridades para suas cruzadas. A mulher se aproximou com uma mão cheia de anéis de prata, quando o viu ocultar com tosca dissimulação, numa esquina do recinto que cheirava a jornais úmidos, uma Life entre as rugas da chamarra de cor marrom.

—Como você se chama?

Eu o pegaria e o denunciaria à polícia. Um escândalo. Na sua cama, Laredo revivia a vertigem de uns instantes esquecidos durante tantos anos. Deveria fugir.

—Tenho visto você muitas vezes por aqui. Gosta de ler?

—Eu gosto de fazer cruzadas.

Era a primeira vez que o dizia com tanta certeza. Não deveria ter medo de nada. A mulher abriu seus lábios em um sorriso cúmplice, suas bochechas se comprimiram como papel.

—Já sei quem é você. Benjamín. Como sua mãe, Deus a tenha em sua glória. Tomara que você não goste de fazer coisas tontas como ela.

A mulher beliscou, carinhosamente, a bochecha direita. Benjamín sentiu que o suor escorregava por sua têmpora. Apertou a revista contra seu peito.

—Agora vai embora, antes de meu esposo chegar.

Laredo saiu correndo, o coração apressado como agora, repetindo que nada lhe agradava mais que fazer cruzadas. Nada. Desde então nada tinha voltado a O palácio das

princesas dormidas por uma mistura de vergonha e orgulho. Tinha dado voltas para não atravessar pela esquina e esbarrar com a mulher. O que ela faria? Seria uma velha por detrás do balcão da livraria. Ou talvez estaria cortejando os vermes no cemitério municipal. Laredo repitiu, seu corpo fragmentado em linhas paralelas pela luz do dia: nada me mais que. Nada. Deveria virar a página, esquecer novamente essa mulher, devolvê-la àquele esquecimento que a tinha feito prisioneira. Ela não tinha nada a ver com seu presente. O único parecido com Dochera era a mecha branca. Dochera, murmurou, olhando pelas paredes nuas do quarto. Do-che-ra.

Era um nome estranho. Onde poderia encontrá-la novamente? Se pegou o táxi tão perto da sua casa, talvez morasse virando a esquina: tremeu ao pensar nessa hipotética proximidade, mordeu suas unhas que já estavam muito mordidas. Não obstante, o mais provável era que ela tivesse voltado à sua casa depois de visitar alguma amiga. Ou familiares. Ou um amante?

No outro dia, incluiu nas cruzadas a seguinte definição: Mulher que espera um táxi à noite e que deixa loucos os homens solitários e sem consolo. Sete letras, segunda coluna vertical. Tinha transgredido seus princípios de jogo limpo e a responsabilidade com seus seguidores. Se as mentiras que enchiam as páginas dos jornais, nas declarações dos políticos e os funcionários do governo, se difundiam no reduto sagrado das cruzadas, constantes no seu oferecimento de verdades fáceis de verificar com uma boa enciclopédia, que possibilidades existiam para que o cidadão comum se salvasse da corrupção generalizada? Laredo tinha deixado suspenos esses dilemas morais. Só lhe interessava enviar uma mensagem à mulher da noite anterior, que ela soubesse que ele estava pensando nela. A cidade era muito pequena, ela devia tê-lo reconhecido. Imaginou que ela, no dia seguinte, faria uma cruzada no escritório onde ela trabalhava e se encontraria com essa mensagem de amor que a faria sorrir. Dochera escreveria lentamente, saboreando o momento, e depois ligaria ao jornal para avisar que tinha recebido a mensagem, podiam tomar um café numa dessas tardes.

Essa ligação não chegou. Chegaram sim, as de muitas pessoas que tinham tentado, infrutuosamente, resolver as palavras cruzadas e solicitavam ajuda ou queixavam-se da sua dificuldade. Quando, um dia depois, a solução foi publicada, as pessoas se olharam incrédulas. Dochera? Quem tinha ouvido falar em Dochera? Ninguém teve valor para questionar ou discutir com Laredo: se ele o dizia era por algum motivo. Por algum motivo ele ganhou o apelido de Fazedor. O Fazedor sabia coisas que as outras pessoas desconheciam.

Laredo tentou mais uma vez com: Turvadora e epífana aparição noturna, que tem mudado um solitário coração em uma soma selvagem e contraditória de esperanças e desassossegos. E à noite, todos os táxis são pardos, e transportam à mulher de mecha branca, e com ela meu órgão principal de circulação do sangue. E: a um quarteirão da Solidão, ao final da tarde, aconteceu o acordar de um mundo. As palavras cruzadas mantinham a qualidade habitual, mas agora todos levavam inserida, como uma cicatriz que não acabava de fechar, uma definição que remetia ao talismânico nome de sete letras. Deveria parar. Mas não podia. Houve algumas críticas; mas ele não se interessava (autor de O Criticador, dez letras). Seus seguidores se acostumaram e

começaram a ver o lado positivo: pelo menos podiam começar a resolver as palavras cruzadas com a segurança de obter uma resposta correta. Além disso, os gênios não eram extravagantes? A única diferença era que Laredo tinha demorado vinte e cinco anos em encontrar seu lado excêntrico. Beethoven de Piedras Blancas poderia ter autorizadas certas ações que fugiam do habitual.

Houve cinquenta e sete palavras cruzadas que não tinham resposta. A mulher haveria desaparecido? Ou Laredo haveria errado no método? Deveria vigiar, todos os dias, a esquina da sua casa, até encontrar ela novamente? Tentou três noites, o fixador de cabelo Lord Cheseline refulgindo na sua cabeleira como se se tratasse de um anjo em uma encarnação falida e mortal. Sentiu-se ridículo e vulgar sondando-a, como se fosse um assaltante. Também tinha visitado, sem sorte, as empresas de táxis da cidade, tentando encontrar os taxistas do turno daquela noite (as empresas não guardavam as listas, fariam com o diretor do jornal, alguém devia escrever um editorial ao respeito). Colocar um anúncio de uma página no El Herald, descrevendo Dochera e oferecendo dinheiro a quem pudesse oferecer informação sobre seu paradeiro? Poucas mulheres teriam uma mecha de cabelo branco, ou um nome tão particular. Não o faria. Não tinha melhor publicidade que a das suas palavras cruzadas: agora toda a cidade, inclusive quem não resolvia palavras cruzadas, sabia que Laredo estava apaixonado por uma mulher chamada Dochera. Para quem é um tímido censurado, Laredo já tinha feito bastante (quando as pessoas perguntavam quem era ela, ele abaixava o olhar e sussurrava que, na loja de livros usados havia encontrado uma incalculável e extinta enciclopédia dos Hititas).

E se a mulher tivesse dado um nome falso? Essa era a possibilidade mais cruel.

Uma manhã, teve a idéia de visitar a vizinhança da sua adolescência, no noroeste da cidade, repleta de salgueiros chorões. O cruzamento de estilos criava uma região de confusas temporalidades. As mansões de pátios interiores coexistiam com residências modernas, o quiosque do Coronel, com seu armário cheio de vasos antiquados de farmácia para os doces e os chicletes perfumados (sete letras), estava ao lado de um salão de beleza onde se oferecia manicure para ambos sexos. Laredo chegou na esquina onde ficava a livraria. O letreiro de elegantes letras góticas, pendurado sobre uma porta corrediça de metal, foi substituído por um simples anúncio de cerveja, embaixo do qual se lia, em letras pequenas, Restaurante O palácio das princesas. Laredo assomou a cabeça pela porta. Um homem descalço e de pijama azul esfregava o chão de mosaico com desenhos árabes. O lugar cheirava a detergente de limão.

—Bom dia.

O homem deixou de limpar o chão.

—Desculpe... Antes havia uma livraria aqui?.

—Não sei nada. Apenas sou um empregado.

—A dona tinha uma mecha de cabelo branco.

O homem coçou sua cabeça.

—Se for quem estou pensando, morreu faz muito tempo. Era a dona do restaurante. Foi atropelada por um caminhão que distribuía cerveja, no dia da inauguração.

—Sinto muito.

–Eu não tenho nada a ver. Sou apenas um empregado.

–Alguém da família ficou encarregado?

–O sobrinho dela. Ela era viúva e não tinha filhos. Mas o sobrinho vendeu o restaurante, pouco tempo depois, a uns argentinos.

–Um momento... Não é o senhor...?

Laredo foi embora, com passo apressado.

Essa tarde, criava as palavras cruzadas número cinquenta e oito do seu novo período quando surgiu uma idéia. Ele estava em sua escrivaninha, vestia um terno preto que parecia ter sido feito por um alfaiate cego (os lados desiguais, um corte diagonal nas mangas); a gravata de laço de fita vermelho e uma camisa branca manchada com pingos do vinho tinto que tinha na mão –Merlot, Les Jamelles–. Havia trinta e sete livros de referência empilhados no chão e na mesa de trabalho, os violinos de Mendelssohn roçavam os dorsos dos livros e as sobrecapas amassadas. Fazia tanto frio que até Kundt, Carrasco e sua mãe pareciam tremer nas paredes. Com um Staedtler na boca, Laredo pensou que a demonstração do seu amor havia sido repetitiva e insuficiente. Parece que Dochera queria algo mais. Qualquer um podia fazer o que ele tinha feito; para se sobressair do resto, deveria ir além de si mesmo. Utilizando como pedra angular a palavra Dochera, assim deveria criar um mundo.

Afluentes do Ganges, quatro letras: Mars. Autor de Todo verdor parecerá, oito letras: Manterza. Capital dos Estados Unidos, cinco letras: Deleu, Romeo e... seis letras: Senera. Dirigir-se, três letras: lei. Colocou as cinco definições nas palavras cruzadas que estava fazendo. Precisava fazer isso pouco a pouco, com firmeza.

Adolescentes nos colégios, empregados nos seus escritórios e idosos nas praças se olharam espantados: tratava-se de um erro tipográfico? No dia seguinte descobriram que não. Laredo tinha ultrapassado os limites, acharam alguns, ruminando a raiva de ter entre suas mãos umas palavras cruzadas de impossível resolução. Outros aplaudiram as mudanças: isso tornava as coisas mais interessantes. Somente o difícil era estimulante (duas palavras, dez letras). Depois de tantos anos, já era hora que Laredo se renovasse: todos conheciam de memória seu repertório, seus truques de velho malabarista verbal. El Heraldo começou publicar, junto às palavras cruzadas de Laredo, umas cruzadas normais para os descontentes. As palavras cruzadas normais foram retiradas onze dias depois.

A fúria nominalista do Beethoven de Piedras Blancas foi aumentando, à medida que os dias passavam e não se ouviam notícias sobre Dochera. Sentado na sua cadeira de noqueira noite após noite, foi destruindo suas costas e construindo um novo mundo, sobrepondo-o ao que já existia e no qual haviam colaborado todas as civilizações e os séculos que concluíam, desde a origem dos tempos, na sua escrivaninha desordenada em Piedras Blancas. Brilhante beleza do que vai se criando diante de nossos olhos nunca cansados de surpreender-se! Maravilha a novidade da novidade! Admiração ante o ato sempre novo e sempre novo! Via-se uma dança no ar, uma ronda no Céu dos Fazedores –na qual as pessoas que elaboravam palavras Cruzadas ocupavam o andar mais alto, com uma visão privilegiada do Jardim do Paraíso, e os Poetas do último andar-, da mão da sua mãe e enquanto Kundt e Carrasco examinavam-no de cima abaixo. Depois ele se desprendia da mão da sua mãe, se

transformando em uma figura etérea que se elevava até uma cegante fonte de luz.

A tarefa de Laredo foi adquirindo detalhes e precisão enquanto o fornecimento de papel bond e Staedtlers diminuía mais rápido que de costume. A capital da Venezuela, por exemplo, primeiro havia sido batizada como Senzal. Depois, o país do qual Senzal era capital havia sido batizado como Zardo. A capital de Zardo era agora Senzal. Os heróis que haviam lutado nas batalhas da independência do século passado foram batizados, assim como a orografia e a hidrografia dos cinco continentes, e os nomes de presidentes, xadrezistas, atores, cantores, insetos, pinturas, intelectuais, filósofos, mamíferos, planetas e constelações. Cima era ruda, sima era redo. Piedras Blancas era Delora. Autor de O mercador de Veneza era Eprnip Eldat. Famoso criador de palavras cruzadas era Bicbse. Espécie de colete ajustado ao corpo era frantzen. Objeto de pano que se usa no peito como sinal de piedade era vardelt. Era uma tarefa infinita e Laredo adorava o desafio. A frágil pena de uma ave sustentava um universo.

No entardecer duzentos e três, Laredo voltava para casa depois de entregar suas palavras cruzadas. Assobiava. A cavalaria rusticana desafinando. Deu umas moedas ao mendigo da doçutb deslocada. Sorriu para uma velha que se deixava levar pela correia de um cachorro pequinês torto. As luzes de sódio da rua se acendiam e se apagavam, como gigantescos vaga-lumes. Um cheiro de hortelã-pimenta saía de um jardim em que um homem careca e melancólico molhava as plantas. Daqui alguns anos ninguém lembrará os verdadeiros nomes dessas buganvílias e gerânios, pensou Laredo.

Na esquina, a cinco quadras da sua casa, uma mulher com um agasalho preto esperava um táxi. Laredo passou ao seu lado; ela virou o rosto e olhou para ele. Era jovem, de idade indefinida. Tinha uma mecha de cabelo branco que pendurava da sua testa e ocultava seu olho esquerdo. O nariz aquilino, a pele morena e o queixo proeminente, de expressão entre receosa e temerosa.

Laredo parou. Esse rosto...

Um táxi se aproximava. Virou e disse:

–Você é Dochera.

–E o senhor é Benjamín Laredo.

O carro Ford Falcon deteve-se. A mulher abriu a porta traseira e, com uma mão cheia de anéis de prata, fez um gesto, convidando-o para entrar.

Laredo fechou os olhos. Viu a si mesmo roubando exemplares de Life em O palácio das princesas dormidas. Viu a si mesmo recortando fotografias de Jayne Mansfield, e atravessando definições horizontais e verticais para escrever nas palavras cruzadas Posso resistir a tudo menos às tentações. Viu a mulher do agasalho preto aguardando um táxi, naquele distante entardecer. Viu a si mesmo sentado na sua cadeira de nogueira dizendo que o afluente do Ganges era uma palavra de quatro letras. Viu a fantasmagórica trajetória da sua vida: uma genuína, admirável, translúcida linha reta.

Dochera? Esse nome também deveria ser mudado. Mukhtir!

Virou-se. Continuou seu caminho, primeiro a passos lentos, depois foi pulando, reprimindo seus desejos de virar a cabeça, até que acabou correndo as duas quadras que ainda restavam para chegar à escrivaninha na qual, nas paredes cheias de fotografias, um espaço vazio o aguardava.

DOCHERA

EDMUNDO PAZ SOLDÁN

a Piero Ghezzi

Todas las tardes la hija de Inaco se llama lo, Aar es el río de Suiza y Somerset Maugham ha escrito La luna y seis peniques. El símbolo químico del oro es Au, Ravel ha compuesto el Bolero y hay puntos y rayas que indican letras. Insípido es soso, las iniciales del asesino de Lincoln son JWB, las casas de campo de los jefes rusos son dachas, Puskas es un gran futbolista húngaro, Verónica Lake es una famosa femme fatale, héroe de Calama es Avaro y la palabra clave de Ciudadano Kane es Rosebud. Todas las tardes Benjamín Laredo revisa diccionarios, enciclopedias y trabajos pasados para crear el crucigrama que saldrá al día siguiente en El Heraldo de Piedras Blancas. Es una rutina que ya dura veinticuatro años: después del almuerzo, Laredo se pone un apretado terno negro, camisa de seda blanca, corbata de moño rojo y zapatos de charol que brillan como los charcos en las calles después de una noche de lluvia. Se perfuma, afeita y peina con gomina, y luego se encierra en su escritorio con una botella de vino tinto y el concierto de violín de Mendelssohn en el estéreo para, con una caja de lápices Staedtler de punta fina, cruzar palabras en líneas horizontales y verticales, junto a fotos en blanco y negro de políticos, artistas y edificios célebres. Una frase serpentea a lo largo y ancho del cuadrado, la de Oscar Wilde la más usada: Puedo resistir a todo menos a las tentaciones. Una de Borges es la favorita del momento: He cometido el peor de los pecados: no fui feliz. ¡Preclara belleza de lo que se va creando ante nuestros ojos nunca cansados de sorprenderse! ¡Maravilla de la novedad en la repetición! ¡Pasma ante el acto siempre igual y siempre nuevo!

Sentado en la silla de nogal que le ha causado un dolor crónico en la espalda, royendo la madera astillada del lápiz, Laredo se enfrenta al rectángulo de papel bond con urgencia, como si en éste se encontrara, oculto en su vasta claridad, el mensaje cifrado de su destino. Hay momentos en que las palabras se resisten a entrelazarse, en que un dato orográfico no quiere combinar con el sinónimo de impertérrito. Laredo apura su vino y mira hacia las paredes. Quienes pueden ayudarlo están ahí, en fotos de papel sepia que parecen gastarse de tanto ser observadas, un marco de plata bruñida al lado de otro atiborrando los cuatro costados y dejando apenas espacio para un marco más: Wilhelm Kuntz, el alemán de la nariz quebrada (la gente que hace crucigramas es muy apasionada), el fugitivo nazi que en menos de dos años en Piedras Blancas se inventó un pasado de célebre crucigramista gracias a su exuberante dominio del castellano —decían que era tan esquelético porque sólo devoraba páginas de diccionarios de etimologías en el desayuno, almorzaba sinónimos y antónimos, cenaba galicismos y neologismos—; Federico Carrasco, de asombroso parecido con Fred Astaire, que descendió en la locura al creerse Joyce e intentar hacer de sus crucigramas reducidas versiones de Finnegans Wake; Luisa Laredo, su madre alcohólica, que

debió usar el seudónimo de Benjamín Laredo para que sus crucigramas abundantes en despreciada flora y fauna y olvidadas artistas pudieran ganar aceptación y prestigio en Piedras Blancas; su madre, que lo había criado sola (al enterarse del embarazo, el padre de dieciséis años huyó en tren y no se supo más de él), y que, al descubrir que a los cinco años él ya sabía que agarradera era asa y tasca bar, le había prohibido que hiciera sus crucigramas por miedo a que siguiera su camino. Cansa ser pobre. Tú serás ingeniero. Pero ella lo había dejado cuando cumplió diez, al no poder resistir un feroz delirium tremens en el que las palabras cobraban vida y la perseguían como mastines tras la presa.

Todos los días Laredo mira el crucigrama en estado de crisálida, y luego a las fotos en las paredes. ¿A quién invocaría hoy? ¿Necesitaba la precisión de Kundt? Piedra labrada con que se forman los arcos o bóvedas, seis letras. ¿El dato entre arcano y esotérico de Carrasco? Cinematógrafo de John Ford en El Fugitivo, ocho letras. ¿La diligencia de su madre para dar un lugar a aquello que se dejaba de lado? Preceptora de Isabel la Católica, autora de unos comentarios a la obra de Aristóteles, siete letras. Alguien siempre dirige su manotizada de carbón al diccionario y enciclopedia correctos (sus preferidos, el de María Moliner, con sus bordes garabateados, y la Enciclopedia Británica desactualizada pero capaz de informarlo de árboles caducifolios y juegos de cartas en la Alta Edad Media), y luego ocurre la alquimia verbal y esas palabras yaciendo juntas de manera incongruente —dictador cubano de los 50, planta dicotiledónea de Centro América, deidad de los indios Mohawks—, de pronto cobran sentido y parecen nacidas para estar una al lado de la otra.

Después, Laredo camina las siete cuadras que separan su casa del rústico edificio de El Heraldito, y entrega el crucigrama a la secretaria de redacción, en un sobre lacrado que no puede ser abierto hasta minutos antes de ser colocado en la página A14. La secretaria, una cuarentona de camisas floreadas y lentes de cristales negros e inmensos como tarántulas dormidas, le dice cada vez que puede que sus obras son joyas para guardar en el alhajero de los recuerdos, y que ella hace unos tallarines con pollo para chuparse los dedos, y a él no le vendría mal un paréntesis en su admirable labor. Laredo murmura unas disculpas, y mira al suelo. Desde que su primera y única novia lo dejó a los dieciocho años por un muy premiado poeta maldito —o, como él prefería llamarlo, un maldito poeta—, Laredo se había pasado la vida mirando al suelo cuando tenía alguna mujer cerca suyo. Su natural timidez se hizo más pronunciada, y se recluyó en una vida solitaria, dedicada a sus estudios de arqueología (abandonados al tercer año) y al laberinto intelectual de los crucigramas. La última década pudo haberse aprovechado de su fama en algunas ocasiones, pero no lo hizo porque él, ante todo, era un hombre muy ético.

Antes de abandonar el periódico, Laredo pasa por la oficina del editor, que le entrega su cheque entre calurosas palmadas en la espalda. Es su única exigencia: cada crucigrama debe pagarse el día de su entrega, excepto los del sábado y el domingo, que se pagan el lunes. Laredo inspecciona el cheque a contraluz, se sorprende con la suma a pesar de conocerla de memoria. Su madre estaría muy orgullosa de él si supiera que podía vivir de su arte. Debiste haber confiado más en mí, mamá. Laredo vuelve al hogar con paso cansino, rumiando posibles definiciones para el siguiente día. Pájaro extinguido, uno de los primeros reyes de Babilonia, país atacado por Pedro Camacho en La tía Julia y el escribidor, isótopo

radiactivo de un elemento natural, civilización contemporánea de la nazca en la costa norte del Perú, aria de Verdi, noveno mes del año lunar musulmán, tumor producido por la inflamación de los vasos linfáticos, instrumento romo, rebelde sin causa.

Ese atardecer, Benjamín Laredo volvía a casa más alegre de lo habitual. Todo le parecía radiante, incluso el mendigo sentado en la acera con la descoyuntada cintura ósea que termina por la parte inferior el cuerpo humano (seis letras), y el adolescente que apareció de improviso en una esquina, lo golpeó al pasar y tenía una grotesca prominencia que forma el cartílago tiroides en la parte anterior del cuello (cuatro letras). Acaso era el vino italiano que había tomado ese día para celebrar el fin de una semana especial por la calidad de sus cuatro últimos crucigramas. El del miércoles, cuyo tema era el film noir —con la foto de Fritz Lang en la esquina superior izquierda y a su lado derecho la del autor de Double Indemnity—, había motivado numerosas cartas de felicitación. Estimado señor Laredo: le escribo estas líneas para decirle que lo admiro mucho, y que estoy pensando en dejar mis estudios de ingeniería industrial para seguir sus pasos. Muy Apreciado: Ojalá que Sigas con los Crucigramas Temáticos. ¿Qué Tal Uno que Tenga como Tema las Diversas Formas de Tortura Inventadas por los Militares Sudamericanos el Siglo XX? Laredo palpaba las cartas en su bolsillo derecho y las citaba de corrido como si estuviera leyéndolas en Braille. ¿Estaría ya a la altura de Kundt? ¿Había adquirido la inmortalidad de Carrasco? ¿Lograba superar a su madre para así recuperar su nombre? Casi. Faltaba poco. Muy poco. Debía haber un premio Nobel para artistas como él: hacer crucigramas no era menos complejo y trascendental que escribir un poema. Con la delicadeza y la precisión de un soneto, las palabras se iban entrelazando de arriba abajo y de izquierda a derecha hasta formar un todo armonioso y elegante. No se podía quejar: su popularidad era tal en Piedras Blancas que el municipio pensaba bautizar una calle con su nombre. Nadie ya leía a los poetas malditos, y menos a los malditos poetas, pero prácticamente todos en la ciudad, desde ancianos beneméritos hasta gráciles Lolitas —obsesión de Humbert Humbert, personaje de Nabokov, Sue Lyon en la pantalla gigante—, dedicaban al menos una hora de sus días a intentar resolver sus crucigramas. Más valía el reconocimiento popular en un arte no valorado que una multitud de premios en un campo tomado en cuenta sólo por unos pretenciosos estetas, incapaces de reconocer el aire de los tiempos.

En la esquina a una cuadra de su casa una mujer con un abrigo negro esperaba un taxi (piel usada para la confección de abrigos, cinco letras). Las luces del alumbrado público se encendieron, su fulgor anaranjado reemplazando pálidamente la perdida luz del atardecer. Laredo pasó al lado de la mujer; ella volcó la cara y lo miró. Era joven, de edad indefinida: podía tener diecisiete o treinta y cinco años. Tenía un mechón de pelo blanco que le caía sobre la frente y le cubría el ojo derecho. Laredo continuó la marcha. Se detuvo. Ese rostro...

Un taxi se acercaba. Giró y le dijo:

—Perdón. No es mi intención molestarla, pero...

—Pero me va a molestar.

—Sólo quería saber su nombre. Me recuerda a alguien.

—Dochera.

—¿Dochera?

—Disculpe. Buenas noches.

El taxi se había detenido. Ella subió y no le dio tiempo de continuar la charla. Laredo esperó a que el destartado Ford Falcon se perdiera antes de proseguir su camino. Ese rostro... ¿a quién le recordaba ese rostro?

Se quedó despierto hasta la madrugada, dando vueltas en la cama con la luz de su velador encendida, explorando en su prolija memoria en busca de una imagen que correspondiera de algún modo con la nariz aguileña, la tez morena y la quijada prominente, la expresión entre recelosa y asustada. ¿Un rostro entrevisto en la infancia, en una sala de espera en un hospital, mientras, de la mano de su abuelo, esperaba que le informaran que su madre había vuelto de la inconsciencia alcohólica? ¿En la puerta del cine de barrio, a la hora de la entrada triunfal de las chicas de minifaldas rutilantes, de la mano de sus parejas? Aparecía la imagen de senos inverosímiles de Jayne Mansfield, que había recortado de un periódico y colado en una página de su cuaderno de matemáticas, la primera vez que había intentado hacer un crucigrama, un día después del entierro de su madre. Aparecían rubias y de pelo negro oloroso a manzana, morenas hermosas gracias al desparpajo de la naturaleza o a los malabares del maquillaje, secretarías de rostros vulgares y con el encanto o la insatisfacción de lo ordinario, mujeres de la realeza y desconocidas con las que se había cruzado por la calle, la piel no tocada varios días por el agua.

La luz se filtraba tímida, entre las persianas de la habitación cuando apareció la mujer madura con un mechón blanco sobre la cabeza. La dueña de El palacio de las princesas dormidas, la revistería del vecindario donde Laredo, en la adolescencia, compraba los Siete Días y Life de donde recortaba las fotos de celebridades para sus crucigramas. La mujer que se le acercó con una mano llena de anillos de plata al verlo ocultar con torpe disimulo, en una esquina del recinto oloroso a periódicos húmedos, una Life entre los pliegues de la chamarra de cuero marrón.

—¿Cómo te llamas?

Lo agarraría y lo denunciaría a la policía. Un escándalo. En su cama, Laredo revivía el vértigo de unos instantes olvidados durante tantos años. Debía huir.

—Te he visto muchas veces por aquí. ¿Te gusta leer?

—Me gusta hacer crucigramas.

Era la primera vez que lo decía con tanta convicción. No había que tenerle miedo a nada. La mujer abrió sus labios en una sonrisa cómplice, sus mejillas se estrujaron como papel.

—Ya sé quién eres. Benjamín. Como tu madre, Dios la tenga en su gloria. Espero que no te guste hacer otras cosas tontas como ella.

La mujer le dio un pellizco tierno en la mejilla derecha. Benjamín sintió que el sudor se escurría por sus sienes. Apretó la revista contra su pecho.

—Ahora lárgate, antes de que venga mi esposo.

Laredo se marchó corriendo, el corazón apresurado como ahora, repitiéndose que nada le gustaba más que hacer crucigramas. Nada. Desde entonces no había vuelto a El palacio de las princesas dormidas por una mezcla de vergüenza y orgullo. Había incluso dado rodeos para no cruzar por la esquina y toparse con la mujer. ¿Qué sería de ella? Sería una anciana detrás del mostrador de la revistería. O quizás estaría cortejando a los gusanos

en el cementerio municipal. Laredo repitió, su cuerpo fragmentado en líneas paralelas por la luz del día: nada me más que. Nada. Debía pasar la página, devolver a la mujer al olvido en que la tenía prisionera. Ella no tenía nada que ver con su presente. El único parecido con Dochera era el mechón blanco. Dochera, susurró, los ojos revoloteando por las paredes desnudas de la habitación. Do-che-ra.

Era un nombre extraño. ¿Dónde podría volver a encontrarla? Si había tomado el taxi tan cerca de su casa, acaso vivía a la vuelta de la esquina: se estremeció al pensar en esa hipotética cercanía, se mordió las uñas ya más que mordidas. Lo más probable, sin embargo, era que ella hubiera estado regresando a su casa después de visitar a alguna amiga. O a familiares. ¿A un amante?

Al día siguiente, incluyó en el crucigrama la siguiente definición: Mujer que espera un taxi en la noche, y que vuelve locos a los hombres solitarios y sin consuelo. Siete letras, segunda columna vertical. Había transgredido sus principios de juego limpio y su responsabilidad para con sus seguidores. Si las mentiras que poblaban las páginas de los periódicos, en las declaraciones de los políticos y los funcionarios de gobierno, se extendían al reducto sagrado de las palabras cruzadas, estables en su ofrecimiento de verdades fáciles de comprobar con una buena enciclopedia, ¿qué posibilidades existían para que el ciudadano común se salvara de la generalizada corrupción? Laredo había dejado en suspensión esos dilemas morales. Lo único que le interesaba era enviar un mensaje a la mujer de la noche anterior, hacerle saber que estaba pensando en ella. La ciudad era muy chica, ella debía haberlo reconocido. Imaginó que ella, al día siguiente, haría el crucigrama en la oficina en la que trabajaba, y se encontraría con ese mensaje de amor que la haría sonreír. Dochera, escribiría con lentitud, paladeando el momento, y luego llamaría al periódico para avisar que había recibido el mensaje, podían tomar un café una de esas tardes.

Esa llamada no llegó. Sí, en cambio, las de muchas personas que habían intentado infructuosamente resolver el crucigrama y pedían ayuda o se quejaban de su dificultad. Cuando, un día después, fue publicada la solución, la gente se miró incrédula. ¿Dochera? ¿Quién había oído hablar de Dochera? Nadie se animó a preguntarle o discutirle a Laredo: si él lo decía, era por algo. No por nada se había ganado el apodo de Hacedor. El Hacedor sabía cosas que la demás gente no conocía.

Laredo volvió a intentar con: Turbadora y epifánica aparición nocturna, que ha convertido un solitario corazón en una suma salvaje y contradictoria de esperanzas y desasosiegos. Y: De noche, todos los taxis son pardos, y se llevan a la mujer de mechón blanco, y con ella mi órgano principal de circulación de la sangre. Y: A una cuadra de la Soledad, al final de la tarde, hubo el despertar de un mundo. Los crucigramas mantenían la calidad habitual, pero todos, ahora, llevaban inserta, como una cicatriz que no acababa de cerrarse, una definición que remitiera al talismánico nombre de siete letras. Debía parar. No podía. Hubo algunas críticas; no le interesaba (autor de El Crítico, siete letras). Sus seguidores se fueron acostumbrando, y comenzaron a ver el lado positivo: al menos podían comenzar a resolver el crucigrama con la seguridad de tener una respuesta correcta. Además, ¿no eran los genios extravagantes? Lo único diferente era que a Laredo le habían tomado veinticinco años encontrar su lado excéntrico. Al Beethoven de Piedras Blancas bien

podían permitírsele acciones que se salían de lo acostumbrado.

Hubo cincuenta y siete crucigramas que no encontraron respuesta. ¿Se había esfumado la mujer? ¿O es que Laredo se había equivocado en el método? ¿Debía rondar todos los días la esquina de su casa, hasta volverse a encontrar con ella? Lo había intentado tres noches, la gomina Lord Cheseline refulgiendo en su cabellera como si se tratara de un ángel en una fallida encarnación mortal. Se sintió ridículo y vulgar acosándola como un asaltante. También había visitado, sin suerte, las compañías de taxis en la ciudad, tratando de dar con los taxistas de turno aquella noche (las compañías no guardaban las listas, hablaría con el director del periódico, alguien debía escribir un editorial al respecto). ¿Poner un aviso de una página en El Heraldó, describiendo a Dochera y ofreciendo dinero al que pudiera darle información sobre su paradero? Pocas mujeres debían tener un mechón de pelo blanco, o un nombre tan singular. No lo haría. No había publicidad superior a la de sus crucigramas: ahora toda la ciudad, incluso quienes no hacían crucigramas, sabía que Laredo estaba enamorado de una mujer llamada Dochera. Para ser un tímido enfermizo, Laredo ya había hecho mucho (cuando la gente le preguntaba quien era ella, él bajaba la mirada y murmuraba que en una tienda de libros usados había encontrado una invaluable y ya agotada enciclopedia de los Hititas).

¿Y si la mujer le había dado un nombre falso? Ésa era la posibilidad más cruel.

Una mañana, se le ocurrió visitar el vecindario de su adolescencia, en la zona noroeste de la ciudad, profusa en sauces llorones. El entrecruzamiento de estilos creaba una zona de abigarradas temporalidades. Las casonas de patios interiores coexistían con modernas residencias, el kiosco del Coronel, con su vitrina de anticuados frascos de farmacia para los dulces y las gomas de mascar perfumadas (siete letras), estaba al lado de una peluquería en la que se ofrecía manicura para ambos sexos. Laredo llegó a la esquina donde se encontraba la revistería. El letrero de elegantes letras góticas, colgado sobre una corrediza puerta de metal, había sido sustituido por un basto anuncio de cerveza, bajo el cual se leía, en letras pequeñas, Restaurante El palacio de las princesas. Laredo asomó la cabeza por la puerta. Un hombre descalzo y en pijamas azules trapeaba el piso de mosaico de diseños árabes. El lugar olía a detergente de limón.

—Buenos días.

El hombre dejó de trapear.

—Perdone...Aquí antes había una revistería.

—No sé nada. Sólo soy un empleado.

—La dueña tenía un mechón de pelo blanco.

El hombre se rascó la cabeza.

—Si es en la que estoy pensando, murió hace mucho. Era la dueña original del restaurante. Fue atropellada por un camión distribuidor de cervezas, el día de la inauguración.

—Lo siento.

—Yo no tengo nada que ver. Sólo soy un empleado.

—¿Alguien de la familia quedó a cargo?

—Su sobrino. Ella era viuda, y no tenía hijos. Pero el sobrino lo vendió al poco tiempo, a unos argentinos.

—Un momento... ¿No es usted...?

Laredo se marchó con paso apurado.

Esa tarde, escribía el crucigrama cincuenta y ocho de su nuevo período cuando se le ocurrió una idea. Estaba en su escritorio con un traje negro que parecía haber sido hecho por un sastre ciego (los lados desiguales, un corte diagonal en las mangas); la corbata de moño rojo y una camisa blanca manchada por gotas del vino tinto que tenía en la mano —Merlot, Les Jamelles—. Había treinta y siete libros de referencia apilados en el suelo y en la mesa de trabajo, los violines de Mendelssohn acariciaban sus lomos y sobrecubiertas ajadas. Hacía tanto frío que hasta Kundt, Carrasco y su madre parecían tiritar en las paredes. Con un Staedtler en la boca, Laredo pensó que la demostración de su amor había sido repetitiva e insuficiente. Acaso Dochera quería algo más. Cualquiera podía hacer lo que él había hecho; para distinguirse del resto, debía ir más allá de sí mismo. Utilizando como piedra angular la palabra Dochera, debía crear un mundo.

Afluyente del Ganges, cuatro letras: Mars. Autor de Todo verdor parecerá, ocho letras: Manterza. Capital de Estados Unidos, cinco letras: Deleu, Romeo y... seis letras: Senera. Dirigirse, tres letras: lei. Colocó las cinco definiciones en el crucigrama que estaba haciendo. Había que hacerlo poco a poco, con tiento.

Adolescentes en los colegios, empleados en sus oficinas y ancianos en las plazas se miraron con asombro: ¿se trataba de un error tipográfico?. Al día siguiente descubrieron que no. Laredo se había pasado de los límites, pensaron algunos, rumiando la rabia de tener entre sus manos un crucigrama de imposible resolución. Otros aplaudieron los cambios: eso hacía más interesantes las cosas. Sólo lo difícil era estimulante (dos palabras, diez letras). Después de tantos años, era hora de que Laredo se renovara: ya todos conocían de memoria su repertorio, sus trucos de viejo malabarista verbal. El Heraldó comenzó a publicar, aparte del crucigrama de Laredo, uno normal para los descontentos. El crucigrama normal fue retirado once días después.

La furia nominalista del Beethoven de Piedras Blancas se fue acrecentando a medida que pasaban los días y no oía noticias de Dochera. Sentado en su silla de nogal noche tras noche, fue destruyendo su espalda y construyendo un mundo, superponiéndolo al que ya existía y en el que habían colaborado todas las civilizaciones y los siglos que concluían, desde el origen de los tiempos, en un escritorio desordenado en Piedras Blancas. ¡Preclara belleza de lo que se va creando ante nuestros ojos nunca cansados de sorprenderse! ¡Maravilla de la novedad en la novedad! ¡Pasma ante el acto siempre nuevo y siempre nuevo! se veía bailando los aires de una rondalla en el Cielo de los Hacedores —en el que los Crucigramistas ocupaban el piso más alto, con una vista privilegiada del Jardín del Paraíso, y los Poetas el último piso—, de la mano de su madre y mientras Kundt y Carrasco lo miraban de abajo arriba. Se veía desprendiéndose de la mano de su madre, convirtiéndose en una figura etérea que ascendía hacia una cegadora fuente de luz.

La labor de Laredo fue ganando en detalle y precisión mientras sus provisiones de papel bond y Staedtlers se acababan más rápido que de costumbre. La capital de Venezuela, por ejemplo, había sido primero bautizada como Senzal. Luego, el país del cual Senzal era capital había sido bautizado como Zardo. La capital de Zardo era ahora Senzal. Los héroes

que habían luchado en las batallas de la independencia del siglo pasado fueron rebautizados, así como la orografía y la hidrografía de los cinco continentes, y los nombre de presidentes, ajedrecista, actores, cantantes, insectos, pinturas, intelectuales, filósofos, mamíferos, planetas y constelaciones. Cima era ruda, sima era redo. Piedras Blancas era Delora. Autor de El mercader de Venecia era Eprnip Eldat. Famoso creador de crucigramas era Bicbse. Especie de chaleco ajustado al cuerpo era frantzen. Objeto de paño que se lleva sobre el pecho como signo de piedad era vardelt. Era una labor infinita, y Laredo disfrutaba del desafío. La delicada pluma de un ave sostenía un universo.

El atardecer doscientos tres, Laredo volvía a casa después de entregar su crucigrama. Silbaba. La caballería rusticana desafinando. Dio unos pesos al mendigo de la dolutb descoyuntada. Sonrió a una anciana que se dejaba llevar por la correa de un pekinés tuerto (¿pekinés? izendala!). Las luces de sodio del alumbrado público parpadeaban como gigantes luciernagas (ierewbons!). Un olor a hierbabuena escapaba de un jardín en el que un hombre calvo y de expresión melancólica regaba las plantas. En algunos años, nadie recordará los verdaderos nombres de esas buganvillas y geranios, pensó Laredo.

En la esquina a cinco cuerdas de su casa una mujer con un abrigo negro esperaba un taxi. Laredo pasó a su lado; ella volcó la cara y lo miró. Era joven, de edad indefinida. Tenía un mechón de pelo blanco que le caía sobre la frente y le cubría el ojo izquierdo. La nariz aguilena, la tez morena y la quijada prominente, la expresión entre recelosa y asustada.

Laredo se detuvo. Ese rostro...

Un taxi se acercaba. Giró y le dijo:

—Usted es Dochera.

—Y usted es Benjamín Laredo.

El Ford Falcon se detuvo. La mujer abrió la puerta trasera y, con una mano llena de anillos de plata, le hizo un gesto invitándolo a entrar.

Laredo cerró los ojos. Se vio robando ejemplares de Life en El palacio de las princesas dormidas. Se vio recortando fotos de Jayne Mansfield, y cruzando definiciones horizontales y verticales para escribir en un crucigrama Puedo resistir a todo menos a las tentaciones. Vio a la mujer del abrigo negro esperando un taxi aquel lejano atardecer. Se vio sentado en su silla de nogal decidiendo que el afluente del Ganges era una palabra de cuatro letras. Vio el fantasmagórico curso de su vida: una pura, asombrosa, translúcida línea recta.

¿Dochera? Ese nombre también debía ser cambiado. ¡Mukhtir!

Se dio la vuelta. Prosiguió su camino, primero con paso cansino, luego a saltos, reprimiendo sus deseos de volcar la cabeza, hasta terminar corriendo las dos cuerdas que le faltaban para llegar al escritorio en el que, en las paredes atiborradas de fotos, un espacio lo esperaba.

EDMUNDO PAZ SOLDÁN

Nació en Cochabamba, Bolivia, en 1967. Es licenciado en Ciencias Políticas y obtuvo un doctorado en Lenguas y Literatura Hispánica por la Universidad de Berkeley. Ha sido ganador de varios premios literarios, entre los que se cuentan el Premio Erich Guttentag (Bolivia, 1992), por la novela *Días de papel*, y el Premio Juan Rulfo (1997), con su obra *Do- chera*; dos años más tarde fue finalista del Premio Rómulo Gallegos con su novela *Río fugitivo*. En el año 2002 fue galardonado con el premio Nacional de Novela de Bolivia, por la obra *El delirio de Turing*. Publicó los libros de cuentos *Las máscaras de la nada* (1990), la novela *Días de papel* (1992), *Desapariciones* (1994) y *Amores imperfectos* (1998). Paz Soldán pertenece a una nueva corriente narrativa latinoamericana, que registra en sus obras el impacto de los medios de comunicación masivos y las nuevas tecnologías en el paisaje urbano del continente. Ha formado parte de la antología *McOndo* (1996), señalada, junto al manifiesto del grupo mexicano del "Crack", como clave para entender la propuesta estética de la nueva generación de narradores. En el 2000, Santillana USA publicó *Se habla español*, una antología que Paz Soldán preparó junto con Alberto Fuguet y que reúne a muchos de los escritores más importantes de una generación que apareció en el panorama literario de la década del 90. La antología trata de dar respuesta a la pregunta sobre que significan los Estados Unidos hoy para el imaginario cultural latinoamericano. ¿El sueño del progreso material, o la pesadilla del capitalismo salvaje? ¿La instantánea satisfacción de los deseos, o el espejismo de una promesa que no cesa de alejarse? Sus obras han sido traducidas al inglés, alemán, finlandés, francés, danés, griego y ruso, y han aparecido en antologías en España, Estados Unidos, Alemania, Suiza, Francia, Perú, Argentina y Bolivia.

Ejemplar de distribución gratuita. Prohibida su venta.



PRESIDENCIA *de la* NACIÓN

MINISTERIO *de*
EDUCACIÓN
CIENCIA y TECNOLOGÍA



Organización
de Estados
Iberoamericanos

Para la Educación,
la Ciencia
y la Cultura

